LISBOA — QUINTA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º—N.º 109—10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O GOVERNADOR de S. Tomé, vendo que o cofre da provincia se exauria fácilmente, decidiu-se a adoptar uma medida que na metrópole só encontra objecções e dificuldades—a redução dos quadros do funcionalismo. Chegámos a um tempo em que as colónias têm de proceder á reeducação da mãe-pátria.

Continua o ciclo das Descobertas...

* * *

UM deputado, inteligente e simpático, comprou uma parte de bilhete que saiu premiado. Sorriu, algibeirou a «massa» e calou-se. Houve alguem que percebeu e deu á lingua. Choveram os parabens sobre o beneficiado.

—Isso é que é sorte. Quatro contos, han?

Começou a aborrecer-se. Sentia-se quási ofendido, nas suas tradições de elegancia. Um homem de gôsto não joga na lotaria nem sonha com a «taluda». Perdeu o bom humor e o apetite. E hoje pensa em reconquistar a felicidade que a Santa Casa lhe roubou. O problema de Hamlet não era mais dificil.

* * *

A POLICIA persegue os batoteiros e estes riem-se.

Se, entre nós, não se houvesse perdido o sentido do cómico, não se dariam esses assaltos nocturnos, em que o jôgo encontra mais uma distracção que um perigo.

A policia, porém, não se convence da inutilidade dos seus esforços. Invade clubs e casas suspeitas.

De manhã cedo, recolhe exausta ao Governo Civil. Cumpriu o seu dever, correndo por bêcos e ruas.

Se não descobriu batoteiros, é que para estes o tempo é tão precioso que nem lhes chega para se deixarem prender, ganhando ainda por cima a sua vida com o suor dos outros.

* * *

O DEPUTADO democrático Agatão Lança acusou ontem o sr. ministro da Marinha de não saber falar francez. O acusado atrapalhou-se tanto que acabou tambem por não falar portuguez.

* * *

OS novos que se têm estreiado na Camara falam com a convicção de que hão de ser escutados.

Os velhos parlamentares aprendem assim a lastimar o tempo que perderam até hoje.

Coitados! Julgam que ainda se poderiam regenerar.

* * *

TROCÁMOS hoje breves palavras com um membro do Directório do P. R. P. a quem, entre outras coisas, preguntámos:

—E' certo que as comissões politicas do seu partido não viram com bons olhos a nota publicada na imprensa a propósito de alteração da ordem publica?

—Simples fantasia dum «repórter». As comissões politicas do meu partido, não protestaram nem sonham em protestar contra essa nota, porque a doutrina dela está no espirito de todos os nossos correligionários, sejam simples soldados ou sejam marechaes.

HAJA JUIZO!

O sr. Antonio Maria da Silva disse um dia, em plena Camara, que o país, durante uns meses funestos, tinha estado a saque. Não faltou quem visse um exagêro nesta maneira de denunciar os dispendios largos e as imoralidades da nossa administração.

Ninguem, porém, se deu ao incomodo de demonstrar que êle não tocara, embora ao de leve, numa terrível página da nossa história contemporanea. Os dentes continuaram a roer, os estomagos a digerir e as almas a putrefazer-se. Tudo estaria muito bem, se ao mal se pudesse viver longamente.

Os erros pagam-se caros.

Os vicios impõem duros tributos pelos prazeres que proporcionam.

Assim nós, que há bastante tempo nos recusamos terminantemente a olhar de face para a nossa situação e para as miserias que a acompanham, devemos pagar brevemente o preço desta culposa comodidade.

Os governos, emquanto não inspirarem confiança a estrangeiros e nacionais, dificilmente encontrarão crédito. Ninguem empresta a perdularios ou a quem não ofereça garantias de estabilidade, para responder pelo cumprimento das obrigações contraidas.

Os boatos de revolução circulam sempre. Apontam-se os nomes dos homens que, com aprazimento de varios aulicos, se propõem trepar até aos pinaculos da Republica, com as armas nos dentes e um certificado de serviços insignes na algibeira.

Pode alguem confiar num Estado que se encontra em tão precarias condições de segurança, que se acha exposto ás investidas até dos cidadãos sem moral?

Por outro lado, apesar de ser urgentissimo reduzir o «deficit» pavoroso que o sr. ministro das Finanças denunciou, procura-se, como resposta, derrubar o governo. Os jornais têm a liberdade de pedir economias, de denunciar abusos e de apontar casos de deshonestidades flagrantes. Mas que vale isso? Apenas se trata de levar ao Parlamento qualquer medida que importe sacrificios para uns tantos, rompe logo o clamor dos seus egoismos ameaçados.

E não falta quem lhe dê ouvidos, a principiar na propria imprensa que pede compressão de despesas e creação de receitas!

Estamos neste absurdo — pede-se justiça severa para reprimir abusos e reclama-se misericordia para fazer calar gritos e protestos. Mas se isto continuar assim, que acontecerá?

Desde que o Estado não alcance dinheiro por emprestimos nem consiga moralizar o orçamento, resta-lhe sómente um novo alargamento da circulação fiduciaria. Não há outro recurso, mas recurso é êle, que não sabe a gente determinar se não seria preferivel expor-se a tudo, para o não empregar.

Se, porventura, ainda houvesse o senso bastante para imediatamente travar todas as importações, contentando-nos com o que o continente e as colónias possam dar, talvez ainda pudessemos viver com um relativo desafogo...

OS CORVOS

Os delegados ingleses encarregados de reatar as relações comerciais com os «soviets» já desembarcaram na Russia
(Dos jornais)

(Do *Rire*)

Lenine: — Senhores! A Russia acolhe-vos de braços abertos...

UM senhorio recusou-se a consentir que os seus inquilinos trespassassem por uma mão cheia de mil escudos o estabelecimento onde ainda têm montado o seu negócio de livraria.

Os inquilinos, a quem a perspectiva de deixar de fazer uma transacção rendosa não agradou absolutamente nada, atraiçoaram o senhorio a uma entrevista, amarraram-no, aplicaram-lhe uma sova e de pistola em punho obrigaram-no a assinar um documento autorizando o trespasse. Isto passou-se em Lisboa e vem hoje relatado na *Imprensa da Manhã*.

A negociata dos trespasses é já hoje uma poderosa instituição, assente sôbre raizes firmes e quási legalisada pela benevolencia e pela indiferença das leis. Os autores do feito que acima descrevemos merecem portanto, uma absolvição justiceira, devendo ainda ser-lhes facultado o direito de intentar uma acção por perdas e damnos ao senhorio.

* * *

ESTEVE hoje cavaqueando demoradamente no Parlamento com o sr. Antônio Maria da Silva, o sr. Barbosa de Magalhães.

Aquela eleição de Aveiro...

* * *

OS parlamentares democráticos vão eleger a sua junta parlamentar. Devem ser eleitos os srs. António Maria da Silva, Vitorino Guimarães e Rodrigues Gaspar.

* * *

SE não fôr hoje ressuscitada a questão politica na Camara dos Deputados, será aprovada a proposta do sr. ministro da Agricultura sobre a questão do Douro.

* * *

A PEDIDO do ex-deputado sr. Santos Graça vae ser discutido no Senado, o seu projecto, já aprovado na Camara dos Deputados, creando as caixas de crédito maritimo, projecto que interessa especialmente os poveiros.

Os pescadores portuguezes que regressaram do Brazil estão atravessando uma grave crise, encontrando-se mais de mil em circunstancias dificilimas.

Terão de emigrar de novo para o Brazil?...

* * *

REUNEM hoje os parlamentares do Partido Democrático, para assentar na atitude a tomar na discussão dos duodecimos e da proposta de encerramento dos trabalhos parlamentares.

* * *

A ATENÇÃO do sr. ministro do Comercio vae ser solicitada para um caso grave. Como se sabe, está proibida na America a importação de bebidas alcoólicas. Sucede, segundo nos afirmam, que o pessoal de alguns vapores dos Transportes Maritimos conduzem clandestinamente para ali vinhos engarrafados, que vendem por alto preço.

Convém averiguar se tal facto é verdadeiro. Assim o exige a gravidade que o reveste e que é de molde a acarretar-nos complicações desagradaveis.

MAGAZINE

O voto das mulheres

Em Novembro será discutida no Senado francês a proposta de lei que concede á mulher direito de voto.

Louis Martin, o apostolo denodado do voto feminino tem uma vaga esperança de que a proposta será aprovada; pelo menos obterá uma grande minoria de votos. E de aqui até lá promete activar a propaganda por todos os meios.

Lloyd George já está bastante receoso por causa da acção da Liga Economica das mulheres inglesas.

Louis Martin promete que não esquecerá a formação de associações congéneres, para que, emfim, a mulher possa iniciar uma luta segura contra o alcoolismo, a tuberculose e outros males sociais que são o tormento da humanidade.

Meios de comunicação

Não é de estradas nem de caminhos de ferro, nem mesmo de aeroplanos que se trata, mas dos meios que os presos usam para comunicarem entre si nas prisões.

Sabe-se que eles conhecem tudo que lhes interessa, excepto quando estão no regime de segredo absoluto.

Os colegas que andam á solta fazem participações aos que estão lá dentro, informam-os dos pontos fracos dos processos, etc.

Como? Primeiro porque eles usam uma linguagem que nenhum guarda entende. Depois sabem aproveitar as resonancias dos angulos para conversarem em voz baixa duns para outros, quando as casas teem essa disposição especial que eles logo descobrem.

De cela para cela usam sinais analogos aos dos surdos-mudos; os objectos que recebem do exterior escondem sempre alguma comunicação impossivel de descobrir. Servem-se de sinais combinados por meio do reflexo dos espelhos, e nas prisões em que cada cela tem uma bacia de agua, chupam-na de todo por meio de um guardanapo ou toalha, e servem-se do tubo para conversarem como dum telefone interior pouco cómodo.

A imaginação dos presos para descobrir estes meios de comunicarem e comunicarem tudo que póde servir-lhes na fuga ou no julgamento é extraordinaria.

Missa bem policiada

O rei, a rainha e a princesa da Romania que se encontram em Paris assistiram a uma missa solene na Igreja de S. Sulpicio.

Grandes cordões de policia, constituidos por homens fortes e espadaudos guardavam a entrada e o interior do templo.

Muita gente preguntou quem era que a policia ia guardar, visto que não estava ali como guarda de honra, nem mesmo a missa era oficial.

Os bandidos

Não há que ver! O assalto ao comboio de Marselha deslumbrou os salteadores desejosos de ficarem celebres ou os que acharam a nova forma de assalto mais rápida e segura, apesar da presteza com que a policia deitou mão aos bandidos.

Depois dêstes, um espanhol assaltou dois viajantes suissos, que voltavam da America, e sózinho lutou com êles, roubou-os, fez parar o comboio e partiu.

No «tramway» do Louvre-Versailles, quatro homens entraram para dar uma correcção ao condutor e partiram igualmente.

Animado por tais feitos e naturalmente para os animar, o «Matin» começou a publicar com o maior reclame aventuras de bandidos corsos, que, só pelo nome de lenda que já têm, evocam uma série de cometimentos audaciosos.

Assim confrontados com os aventureiros que adquiriram pela fantasia lugar de principes na imaginação dos povos, podendo mesmo julgar-se parentes aproximados do grande bandido corso Napoleão, é natural que os bandidos resolvam prolongar a sessão.

Se fosse em S. Bento...

Talvez não saibam de um acontecimento londrino que entre nós teria atraido os vitupenios das folhas e provocado as indignações de toda a gente de senso comum. Os jornais não teriam mesmo passado sem dizer que os senhores deputados não sabiam respeitar o seu lugar e que era êste um caso para motivar uma dissolução mais justa que nenhuma.

Aconteceu em Londres, na silenciosa Londres, em que nem os «babies» choram, nem os cães ladram, nem os carros chiam, nem as carroças fazem barulho nas ruas, onde tudo é de borracha e deslisa silenciosa e rapidamente com o fim de quem tem mais que fazer, que os hirtos e catedraticos deputados saíram do Parlamento para o largo de Saint-Stephen, a fim de assistirem a uma representação de animais sabios.

Tinham sido acusados os proprietarios dêstes interessantes bichos de os maltratarem para obterem dêles as habilidades nos circos. E os proprietarios, com uma ansia justificada de provarem a sua inocencia, embarcaram-se com os bichos para o Parlamento e propuzeram uma exibição gratuita, ali mesmo, a fim de provarem por factos.

O regulamento, porêm, não tem nenhuma clausula que autorize naquele recinto os discursos ou os gestos ainda dos mais provadamente inteligentes chimpanzés, cães, macacos, papagaios (êstes ultimos, pelo menos, são permitidos entre nós), etc.

De forma que, para não abandonarem os reus, que tanto desejavam justificar-se, os graves parlamentares abandonaram a sala e vieram assistir a esta modalidade da sessão do dia, na praça publica, com os transeuntes.

Nós, em face dos feitos dos animais e do feito dos parlamentares, só pensamos no que cá se teria dito!

Era reclamada a dissolução com certeza.

Os fleumaticos ingleses, porêm... riram, gozaram e continuaram a sua vida pacificamente.

Uma birra de S. João

Perde-se nos tempos o costume da procissão do S. Joãosinho, em Valréas, no departamento de Vacluse.

E' ás nove horas da noite que um garotito loiro, frisado e rolhço, á luz das velas e entre o estralejar dos foguetes, sai da igreja, num andor, com um cordeirinho todo penteado, frisado e enfeitado de fitas.

Algumas vezes, o S. Joãosinho, atarantado com tanto barulho, fica-se, de mão suspensa, esquecido de continuar o seu gesto de abençoador da multidão.

Tem o seu quê de profundo e justo êste gesto infantil e inocente, abençoando os grandes, gastos e profanados conhecedores da vida.

Então, a mãe, vendo-o esquecido, dizlhe:

—Vá S. Joãosinho, abençôa!

Mas êste ano o barulho era muito e, quando a mãe o mandou continuar lançando a benção, S. Joãosinho teve uma birra e exclamou com voz zangada:

—Não, pronto! não quero!

Algarvia, L.da

Importadores e Exportadores

OLHÃO

O EXERCITO ESPANHOL EM MARROCOS

O porto de Melilla caiu ou não em poder dos mouros?

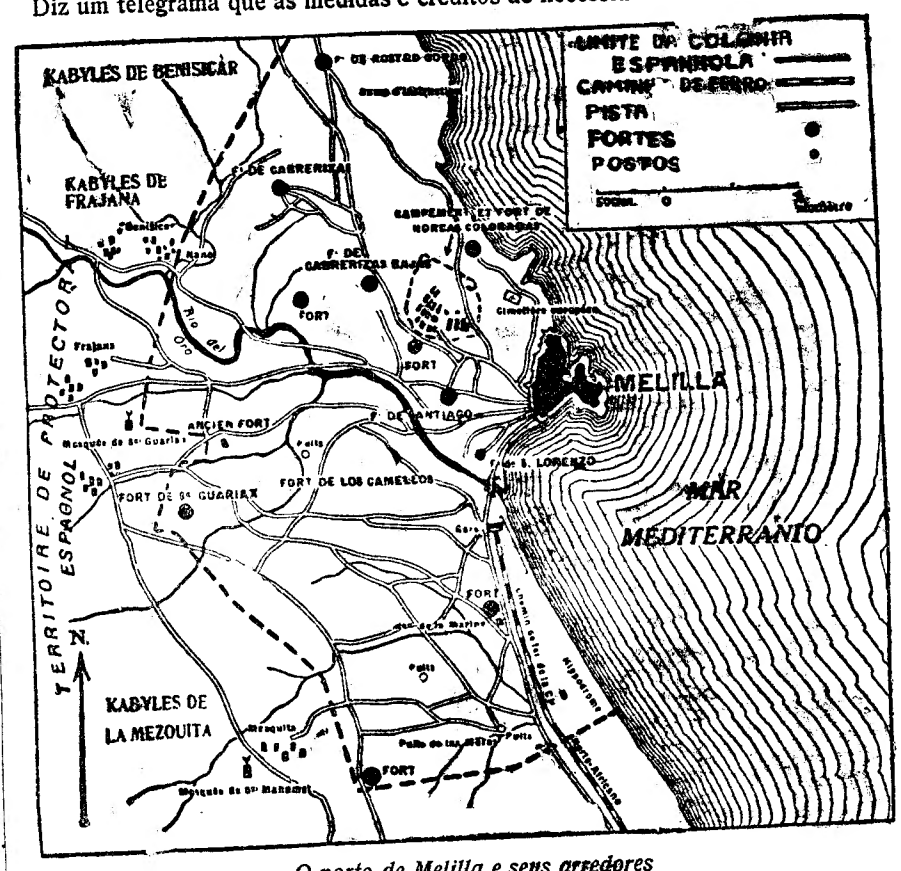
A defesa heroica do general Navarro—Estará em jogo o predominio de Espanha em Africa?—O que dizem os ultimos telegramas—Os deputados militares oferecem-se ao governo para seguir para a zona de operações

Depois de uma defesa heroica em que a unica bebida existente era a agua proveniente do gêlo que lhe levavam os aviões, a guarnição do Monte Arruit, do comando do general Navarro, caiu em poder dos mouros. Era o ultimo baluarte fóra de Melilla; e é aqui que será jogado, em ultima instancia, o predominio de Espanha em Africa.

Em volta dela já se deram algumas escaramuças que custaram a vida a alguns espanhois; estes pretendiam uzar gazes asfixiantes na defesa; mas fá-lo-hão perante a ameaça de colocarem na frente, para os receber, os prisioneiros seus irmãos?

E' conhecida a opinião dos politicos dominantes, Romanones e Maura: ou abandonar Marrocos ou enviar 100:000 homens e autorizar um credito de 2 milhões de pesetas.

Diz um telegrama que as medidas e creditos de necessidade imediata já foram votados; mas é duvidoso que cheguem a tempo, tanto mais que elementos anti-militaristas procuram e conseguem, em parte, amotinar as tropas.



O porto de Melilla e seus arredores

Todas as populações exteriores se acolheram a Melilla e o panico torna-as insensatas.

No territorio francês não se registam incidentes; a tentativa para revoltar as kabilas foi infrutuosa.

O Raisuli, o inimigo lendário de Espanha, cujo dominio e sugestão sôbre os mouros atinge o fantastico, préga a guerra santa.

Foi ele a antiga alma de todas as revoltas e Espanha pôde conseguir a sua entrega. Onde ele chega, chega a revolta.

A maior parte dos deputados militares puzeram-se á disposição do govêrno para partirem para Marrocos; de toda a Espanha se recebem oferecimentos e incitações patrioticas; as mulheres formam sociedades da Cruz Vermelha e procuram incitar os homens formulando publicamente a opinião com que melhor entendem servir a Espanha.

OS TEATROS

Entre nós

Foi contractado para a epoca de inverno, pela empreza do teatro Apolo, o tenor Brazão Gambôa.

— **Por acordo entre a empreza** do Eden **Teatro** e Eduardo Schwalbach a revista deste ilustre escriptor que ali já se encontrava em ensaios será representada mais tarde, devido á peça que estava para subir á scena no Salão Foz ter já concluido a sua montagem e poder estrear-se, por consequencia, dentro de poucos dias e ter-se decidido que ela se represente no Eden.

— **A revista que se intitula «Tic-Tac» será interpretada pela companhia do Foz,** acrescida dos artistas **Elisa Santos, Engenia Quintão, Judite de Sousa,** Alvaro de Almeida e José Silva.

— **A actriz Lucinda do Carmo que tanto sofreu** com a queda e espesinhamento n'um carro electrico ha já mezes, vai reaparecer no **Nacional, na época** de inverno na peça «Auto do Velho da Horta, fazendo o interessante papel de «A alcoviteira».

Reclamos

NACIONAL—Hoje e ámanhã não ha espectaculo, sendo, tanto os dias como as noites, ocupados, exclusivamente, com os ultimos ensaios da sensacional peça «Rogerio Laroque».

S. LUIZ—Não ha melhor remedio para dissipar tristezas e curar a neurastenia do que ir ao S. Luiz, á celebre revista «De capote e lenço».

POLITEAMA—E' cheia de numerosos lindos a interessante opereta «A rainha do fonografo», em scena neste teatro, optimamente interpretada pela companhia Satanella-Amarante.

AVENIDA—A'manhã o espectaculo é dos mais atraentes, devendo, por isso, ser enormemente concorrido: realisa ali a sua festa artistica o inteligente e estudioso actor Samwel Diniz, representando-se pela primeira vez a espirituosa comedia de Terneuil «Guardado está o bocado...».

GIMNASIO—Hoje é a recita da moda dedicada á sociedade elegante, representando-se mais uma vez «O celebre Pina».

APOLO — Volta hoje á scena a revista de Baptista Diniz intitulada «A' procura do badalo».

EDEN — Vai num sino a revista «Pé de Dança». Todas as noites os seus melhores numeros são bisados.

SALÃO FOZ—Continuam agradando os novos numeros da revista «Trólaró», que ha mezes não sai de scena devido á grande concorrencia do publico

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Não ha espectaculo.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—Não ha espectaculo.
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró»
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 12 — Reza-se deSanta Clara Virgem dupléx, paramentos brancos.

LAUSPERENE: Na igreja do Bom Sucesso.

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8 1|2, missa.

Bom Sucesso, ás 8 1|2, missa da Paz; ás 18 1|2, terço de bemditos, por musica.

Encarnação, ás 9, missa no altar dos Passos; ás 17, terças.

S. Paulo, ás 10, missa do altar dos Passos, ás 19, terças.

—Exposição da imagem do Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

OBESIDADE

Tratamento pelos agentes fisicos

ESTORIL — TERMAS

SAPATARIA SECULO XX

R. Nova do Almada, 63

Grande sortimento a preços modicos

HISTORIA ANTIGA

O DRAMA DE MEYERLING

UM LIVRO DE MEMORIAS — MARIA VETSERA — UM PRINCIPE PORTUGUÊS

A longa vida do imperador Francisco José foi um rosário de dramas. A cada passo a desgraça vibrava um golpe naquela existencia predestinada para a dôr. Cairam em tôrno dele, nimbadas de tragedia e de sangue, as suas mais caras ilusões; e o Destino foi-lhe pela primeira vez caridoso apagando a sua cançada decrepitude antes que a derrota lhe desmoronasse fragorosamente o imperio.

O trágico fim do «kronprinz» Rodolfo foi talvez a desgraça culminante da sua vida; como outr'ora sucedeu a um Rei de Portugal, o imperador de Austria viu-se levado junto de um leito ensanguentado em que jazia o filho; mas onde D. João II só póde acusar a fatalidade, Francisco José viu a sua dôr acrescida pelo mar revolto le intrigas e suspeitas a que a tragedia leu origem.

Embora o caso se passasse em 1889 voltou de novo á ordem do dia, há poucos anos, com a publicação de um livro de memórias da condessa Maria Larisch, filha do duque Luiz da Baviera e sobrinha, portanto, da imperatriz Elizabeth de Austria, mulher de Francisco José. Nesse livro, severamente proibido em todos os paizes de lingua alemã, defende-se a Condessa da responsabilidade que lhe atribuiram na morte do Principe e de Maria Vetsera, narrando inumeros factos que a sua excepcional situação lhe permitiu presencear, atribuindo-se um papel de vitima da perversidade do «kronprinz». Os criticos inglezes põem de quarentena o que a Condessa Larisch diz de si mesma, mas não discutem a verdade dos factos que descreve.

O Principe Rodolfo, que em 1879 visitou Lisboa, casou dois anos mais tarde com Estefania da Belgica, feia princeza pouco feita para prender a inconstancia do marido, e que foi, como era de esperar, vitima de uma série de infidelidades conjugaes; mas só em 1888 o «kronprinz» conheceu aquela que havia de ser a grande paixão da sua vida:—Maria Vitsera, uma rapariga da aristocracia vienense. Era de uma beleza estonteante, de um temperamento exaltado e sensual, que dela faziam a estátua viva de sedução. Apaixonou-se pelo Principe, e tomou a ousada iniciativa de lh'o dizer, sendo é claro, correspondida...

Quando principiou o seu amôr pelo principe, só dele falava e só dele queria que lhe falassem; Maria Larisch reproduz uma conversa a que assistiu, entre ela e a irmã,—a rancorosa Hannah—onde pela primeira vez aparece no livro o nome de D. Miguel:

.....

—«Ninguem tem nada com a minha admiração pelo principe herdeiro. E' uma felicidade amar um ente tão original. Sei muitos detalhes ácêrca dele, pelo seu primo Miguel de Bragança.

—Sim—comentou Hannah—só lhe falaste de Rodolfo. O pobre homem estava estonteado com tanta pregunta».

.....

Segundo a condessa Larisch refere mais adeante, o Principe portuguez teve por Maria Vetsera uma violenta paixão; tão violenta que, no dizer desta, lhe teria perdoado a sua falta. São particularmente interessantes para nós as linhas em que depois de fazer as suas confidencias, Maria Vetsera se refere a D. Miguel:

.....

—«Não ponho em duvida que isto não passe de um sonho, disse ela (Maria Vetsera). Terei decerto um penoso acordar. Soluciono o caso desposando qualquer outro. Já falei mesmo a Rodolfo naquele que quer fazer de mim sua mulher.

—E quem é esse noivo em perspectiva? preguntei eu (Maria Larisch), com interesse.

—E' o estupido Duque de Bragança. (Por este titulo era conhecido D. Miguel, ao tempo viuvo da princeza de Thurn-Taxis). Conhece toda a minha aventura com o Principe,—disse ela rindo ás gargalhadas.

—Como? Pensa que ele casaria comsigo, sabendo isso?

—Gosta tanto de mim, que fará tudo o que eu quizer. E' tão tôlo! («si bête!»)

O cinismo de Maria revoltava-me.

—Ouça—disse-lhe eu. Siga o meu conselho. Fique por ahi no seu «flirt» com Rodolfo. E' um jôgo arriscado, póde vir a espalhar-se, e então ninguem casará comsigo, nem mesmo o seu complacente Miguel. De resto, não falemos mais nisso. E mudei de conversa».

.....

De nada serviram conselhos! A aventura continuou, intensificou-se, e... espalhou-se. No baile de uma embaixada, Maria Vetsera, arrogantemente, sob o olhar de Viena estarrecida, cuspiu o seu desprezo e o seu desrespeito na cara da princeza herdeira.

Pouco tempo depois, o principe Rodolfo, pretextando uma caçada, partiu para Meyerling levando comsigo Maria, que a Condessa Larisch lhe fôra levar á Hofbourg, na melhor das intenções, segundo afirma... Uma manhã, quando o creado foi acordar o Principe á hora habitual, este disse-lhe para voltar d'ahi a meia hora; mas meia hora depois só o silencio respondeu ao repetido chamamento do creado; indeciso, foi chamar alguns amigos que tinham acompanhado o Principe: forçaram a porta; o «kronprinz» Rodolfo, ainda com a mão enclavinhada no revólver, estava caido sobre um lado e tinha a cabeça esfacelada: ouvia-se um gotejar môrno de sangue, que, caindo da cama, se empoçava lentamente no chão; sob um lençol, a nudez escultural de Maria Vetsera principiava a arrefecer...

Apavorados, correram a fazer saber ao imperador a trágica morte do filho; mas quando ele entrou no quarto já de lá havia sido retirado o corpo da tresloucada rapariga, no intuito baldado de abafar o drama. E, para remate da macabra farça emquanto o cadáver do Principe sahia com todas as pompas funebres, Maria Vetsera era cuidadosamente vestida e calçada; puzeram-lhe o chapéu e o véu que trouxera, de fórma a disfarçar a ferida horrivel do craneo, mal ligado; como a cabeça lhe pendia sobre o peito, ataram-lhe o pescoço, com um lenço, a uma bengala metida entre o colete e as costas;—aquele manequim apavorante, coberto ainda por uma capa de peles, saiu de carruagem, ao anoitecer, amparado por dois parentes da familia Vetsera, que, sentindo com horror, a cada solavanco, o corpo encostar-se pezadamente a eles, o levaram, pela treva da noite, caminho de um mosteiro.

As mais absurdas e inverosimeis versões correram em Viena, entre as quaes a de que fôra D. Miguel que matara o principe, agredindo-o com uma cadeira. Segundo o que conta a condessa Larisch, o drama de Meyerling não foi exclusivamente sentimental, e o Principe matou-se por temer vêr descoberta uma conspiração em que entrara com o arquiduque João da Toscana, que depois se perdeu misteriosamente na America do Sul. O mausoleu sumptuoso do herdeiro do trono austriaco esconde um tenebroso segredo. E num recanto humilde do cemitério da abadia de Heiligenkreuz, dorme ainda hoje, já desfeito em cinza, o corpo dessa pobre rapariga que expiou com uma morte pavorosa o crime, sempre perdoavel, de não ter resistido a um grande amôr!

T. R. C.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

N.º 44 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 11-8-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

—Não pude mostrar-lh'o, muitas coisas nos apartaram, e antes de tudo o meu próprio génio. O papá tambem se recreou fazendo a sua própria desgraça e eu sou filha dele. Ora, presentemente, que vou morrer e que para tudo é tarde demais, escrevo-lhe ainda uma vez para lh'o dizer. Pregunto a mim mesma porque é que o faço; afinal, isso deve ser-lhe indiferente, visto que eu nem sequer estarei com vida. Mas queria estar ao pé de si, até ao fim, para não me sentir mais só ainda. Parece-me que o vejo lendo isto, vejo os seus ombros, as suas mãos erguendo a carta, os seus movimentos quando volto as páginas. Não posso mandá-lo chamar, não tenho nenhum direito para isso. A mamã desejava preveni-lo, há já dois dias, mas eu prefiro escrever-lhe. Gosto mais tambem que se lembre de mim tal como eu era antes da minha doença. Recordo-me que... (aqui faltam algumas palavras)... os meus olhos e as minhas sobrancelhas; mas os meus olhos mesmo já não são como eram d'antes. Aqui está tambem porque eu não queria que viesse. E peço-lhe egualmente que não venha vêr-me no caixão. Estarei, decerto, aproximadamente como era em vida, só um pouco mais pálida e estarei deitada e com um vestido amarelo; mas apezar disso havia de fazer-lhe impressão, se viesse.

«Tenho escrito esta carta por várias vezes, hoje, e no entanto não consegui dizer-lhe a milésima parte do que queria. Morrer é para mim tão horrivel! Não quero, espero ainda ardentemente, se Deus quizer, poder restabelecer-me um pouco, mais que não seja até á primavera. Então os dias seriam claros e haveria folhas nas árvores. Se eu melhorasse agora, com certeza que já não seria má para si, Johannes. Como eu chorei, pensando nisso! Oh! sairia para afagar com a mão todas as pedras da calçada e pararia para agradecer na passagem a cada degrau da escada, e seria boa para toda a gente. Que me importava sofrer, se eu vivesse ao menos! Não me queixaria de nada, oh! não, e sorriria áquele que me enchesse de pancadas, agradeceria e daria graças a Deus se ao menos pudesse viver. Vivi tão pouco na minha vida, nada fiz por ninguem e agora esta vida falhada vae acabar. Se soubesse quanto me custa morrer, talvez o Johannes tentasse alguma coisa, tudo o que estivesse em seu poder tentar. Não póde, decerto, fazer nada, mas tenho pensado que se o Johannes e todos rezassem por mim, e me prendessem fortemente, Deus me concederia a vida...

«A mamã está ao pé de mim e chora. Toda a noite passada tambem chorou ao meu lado. Isto faz-me algum bem e adoça a amargura da minha despedida. Hoje veiu-me este pensamento: como encararia o Johannes isso, se um dia eu fôsse direita a si, na rua, um dia em que eu estivesse bem vestida, e se não lhe dissésse nada que o maguasse mas lhe oferecesse uma rosa, que de antemão tivesse comprado num florista? Depois, logo a seguir, pensei que nunca poderia fazer o que desejava, porque não melhoraria provavelmente nunca antes de morrer. Muitas vezes choro imovel no meu leito, choro sem descanço, inconsolavelmente; quando chóro dôcemente, quando não soluço, não me faz mal ao peito. Johannes, querido, querido amigo, meu unico amôr sobre a terra, agora vem para ao pé de mim, e fica um pouco ao meu lado, quando começa a anoitecer. Eu não chorarei então, hei de sorrir o melhor que puder, da alegria de te vêr ali.

«Oh! o que é feito do meu orgulho ou da minha coragem?

«Não sou a filha de meu pae neste momento; mas isto vem das forças me terem abandonado. Sofri muito tempo, Johannes, muito antes destes ultimos dias. Quando o Johannes estava no estrangeiro eu sofria, e, mais tarde, desde o meu regresso á cidade, não tenho feito senão sofrer cada dia mais. Nunca soube quanto a noite póde ser longa... Avistei-o duas vezes na rua, durante este tempo; uma vez passou ao pé de mim, cantarolando, mas não me viu. Tive esperança de o encontrar em casa dos Seier; mas não veiu. Eu não lhe teria falado, nem me aproximaria de si, ter-me-ia contentado de o vêr de longe. Mas não veiu. Pensei então, que talvez fôsse por causa de mim... A's onze horas puz-me a dançar, porque não podia suportar mais tempo a espectativa. Sim, Johannes, amei-o, e unicamente a si tive amôr, toda a minha vida. E' Vitória que escreve e Deus lê por cima do meu ombro.

«E agora é preciso dizer-lhe adeus, pois é quási noite e já não vejo. Adeus, Johannes, obrigado por cada dia. Quando eu voar da terra, hei de agradecer-lhe ainda até ao fim e pronunciarei o seu nome durante o caminho. Adeus por toda a vida, e perdão pelo mal que lhe fiz; porque não pude de joelhos pedir lh'o?—do meu coração peço lh'o agora. Adeus e obrigada por cada dia, cada hora... Nada mais posso.

Vitória».

Já está o candieiro acêso. Há um pouco mais de claridade em mim, agora. Estava a dormitar e de novo afastada da terra. Deus seja louvado, já não era tão horrivel para mim; ouvi mesmo um pouco de musica e sobretudo não havia escuridão. Sinto-me tão aliviada! Mas já nem tenho forças para lhe escrever. Adeus, meu amôr...

FIM

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Prestito funebre

Por uma rua muito larga, que as primeiras gotas de chuva começavam a orvalhar, eu vi passar há meia hora, num passo lento de cortejo, um caixãosinho todo branco— não chegava a ter dois palmos de madeira— que mãos infantis levavam para o cemiterio, onde o coveiro já devia ter cavado meio metro de terra para lhe dar guarida. Seis pessoas, nem mais uma, acompanhavam o pequenino caixão á sua ultima morada. Não se lhes notava no rosto nenhum constrangimento, nenhuma sombra de Dôr, nem um sinal de magua por aquela vida em botão que o sol do estio não deixou desabrochar. Dois ramos de flôres, rosas e violetas, que ainda traziam nas pétalas o orvalho da manhã, eram a unica saudade que acompanhou ao cemiterio a pequenina borboleta de azas quebradas ao nascer. Não! Não é verdade! Havia uma saudade maior, uma saudade invisivel, uma saudade que eu senti pairar como um leve ruflar de azas por sobre aquele caixãosito forrado de cambraia que há meia hora foi a enterrar.

Era a saudade da mãe. As mães têm sempre uma saudade para os filhos que partem. Aquela criança que Deus roubou ao mundo divinisou a mulher que a trouxe no ventre. A Dôr ensinou-lhe o prazer enorme de ser mãe; a Dôr sagrou o ventre da mulher. E quando viu partir, entre rendas e cambraia, aquele corpinho tenro a que ela não soube dar mais do que a morte, ficou-lhe a grande saudade de uma cabecita loira que ela tinha sonhado, para lhe acariciar os caracois doirados do seu cabelo. E', talvez, feita de egoismo a saudade das mães, mas é a maior saudade que os filhos levam da vida.

Norberto Lopes

Além-mar

O conselho legislativo e executivo da provincia da Guiné

O governador da Guiné pediu telegraficamente ao sr. ministro das Colónias a aprovação das individualidades propostas para a constituição dos Conselhos Legislativo e Executivo da provincia.

O novo chefe da repartição de colonização de Angola

Foi ordem telegráfica ao governador da India para transferir para Angola o major sr. Pinto de Magalhães, a fim de ser nomeado chefe da repartição de colonização.

O novo capitão do porto de Angra do Heroismo

Vae exercer o cargo de capitão do porto de Angra do Heroismo, o capitão de fragata sr. Rodrigues Bastos.

O governador da India pede a aprovação de varios creditos

O governador da India pediu a urgente aprovação de vários créditos, a fim de poder satisfazer encargos inadiaveis.

Uma reclamação dos armadores de pesca de atum no Algarve

Caso ela não seja atendida recorrerão aos tribunais competentes

Os armadores de pesca do atum no Algarve reclamaram contra o despacho do sr. ministro da marinha, que lhes mandou levantar a sua armação denominada «Ramalheté», estando dispostos a recorrer para os tribunaes competentes, caso não seja atendida a sua reclamação.

LISBOA, DE TRAGEDIA

UMA INTERESSANTE PALESTRA COM O SR. DR. AZEVEDO NEVES, ILUSTRE DIRECTOR DO INSTITUTO MEDICO LEGAL, SOBRE ESTE ESTABELECIMENTO

A morgue ha dez anos — O negocio das cabeleiras — O monoculo do dr. Ribeira Brava — A criada de um grande actor — Alguns numeros curiosos — Um estudo de Azevedo Neves

O casarão da Morgue, acolá, a S. Lazaro, rodeado de algibebes da morte e de tabernas sujas, profundas, onde a luz do petroleo arde todo o dia, merecia uma página de literatura, uma página a Fialho, e não duas colunas, traçadas sobre o joelho, em meia hora febril de reportagem. Aquilo tem scenario, tem passado; uma história de tragédia, em que as mil tragédias que por lá têm tido epilogo põem manchas de sangue, arrepios de espanto e ansiedades espectantes.

Se a Morgue tem passado, tambem tem futuro: instalações novinhas em fôlha, que o sr. dr. Azevedo Neves nos mostra... no papel dos arquitectos, um papel que vocês conhecem, todo azul, traçado a branco em plantas e alçados. A Morgue deu-nos uma entrevista com o seu director, o sr. dr. Azevedo Neves. Ela já não se chama assim. Pela Boa Hora, pela policia, pelo fôro, chamam-lhe Instituto de Medicina Legal. Mas, para a escumalha da Mouraria, para a ralé da Alfama, para a gandaia de Santos, é sempre a Morgue. Até tem fados nostálgicos e cantigas de revista.

O sr. dr. Azevedo Neves, de bata branca, que um cinto descuidadamente posto mas ilhargas represa, faz-nos a história da sua direcção de 1911 até hoje.

— O meu antecessor, o dr. Silva Amado, esteve aqui quasi sósinho. Tinha três serventes e um desenhador que recebia como servente, mas que êle pagava. Não havia frigorifico para a conservação dos cadaveres. As casas, ah! que casas! caiam de pôdres, se velhas. Quando entrei, a minha primeira medida, foi acabar com alguns abusos... Quere saber? Vendiam-se os cabelos dos mortos!

— Por quanto?

— 1$20, 1$50 cada cabeleira. E disputavam-nas! Aqui, em frente desta janela, vê — diz o sr. dr. Azevedo Neves, indicando uns caboucos — havia uns pardieiros onde os serventes viviam. Quando lá fui, recuei horrorizado, tanta era a falta de limpeza.

— Depois?

— Os serventes tiveram que sair. Aproveitei as casas para depositos de frascaria. Acabei tambem com a exposição de cadaveres...

— Sim! Porquê?

— Muitas pessoas vinham aqui numa curiosidade doentia. Não respeitavam os cadaveres. Levantavam as saias ás mulheres; faziam comentarios. Lembra-se de certo jornalismo daquele tempo? Era a liga, a côr da saia, o corpete. Chegavam a apalpar os mortos. Nos cafés da baixa, há anos, discutiu-se muito a plástica de certa espanhola assassinada pelo amante e que aqui veiu parar. Era o cumulo do irrespeito...

— Mas muitos visitantes...

— Olhe: Conheci a criada de um grande actor já falecido, que aqui vinha todos os dias á volta da Praça da Figueira e que se demorava horas esquecidas a contemplar os cadaveres. Para ela, era uma voluptuosidade o cheiro do vómito, do pôdre... Despediram-na.

A esta recordação, outra se seguiu:

— Sabe por quanto se vendeu o monóculo de Ribeira Brava? Por trinta réis! A familia não o reclamou e seis meses depois de ter entrado na Morgue, era arrematado em leilão por essa quantia.

— Leilão?

— Sim. Os objectos dos cadaveres que não são reclamados costumam vender-se passado êsse tempo.

— Quantos cadaveres entram aqui por ano?

— Uns 700.

— Qual foi a revolução que deu mais mortes?

— A de 5 de Dezembro, se não me engano, no entanto, foi na de 5 de Outubro que mais cadaveres aqui entraram.

— E exames?

— Por ano, devem fazer-se uns 3.500 exames directos ás pessoas feridas em desordem.

— E atentados contra a honestidade?

— Em média, 200 por ano. Mas são só os que a policia conhece! Quantos não haverá ocultados! A desmoralização é imensa.

E o sr. dr. Azevedo Neves, socorrendo-se de uma estatistica enumera:

— Em 1912, 174; 1913, 210; 1914, 205; 1915, 192; 1916, 117; 1917, 250; 1918, 256; 1919, 184, e 1920, 234. Este ano já temos 88 casos. Desde 15 de Outubro de 1911 até agora fizeram-se exames directos a 36.866 pessoas. Mas nós demos um salto...

— Sim. O doutor tinha começado por historiar a sua direcção.

— Quando entrei, não havia nem pessoal nem instalações. A Morgue chegou a estar abandonada. De uma vez, o unico servente que aqui trabalhava foi-se embora. Por uma reforma que consegui ver aprovada, obtive oito assistentes, dos quais quatro são chefes; ganham apenas 37$50 por mês.

— E v. ex.ª?

— 80$00! E' já uma grande coisa. Durante dez anos ganhei apenas 20$00. Os jornais têm auxiliado a minha iniciativa. No tempo de Sidonio Pais, alguns dêles noticiaram que não se podia passar por aqui porque o cheiro era insuportavel; que não havia frigorificos, que os cadaveres apodreciam. Veiu cá o sr. dr. Alberto Osorio de Castro, ministro da Justiça de então, mas, em tão má hora veiu, que ficou doente durante três dias. Sidonio Pais recebeu-me e, passados dias, saia um decreto reformando isto tudo.

— Quanto é agora a verba?

— E' de vinte contos por ano. E' muito pouco, mas eu economizo-a: Aparos, canetas, papel, tudo por medida. E' assim que tenho conseguido comprar alguns livros.

O sr. dr. Azevedo Neves mostrou-nos depois algumas fotografias da antiga Morgue.

— Antigamente só havia quatro caixas para a exposição de cadaveres.

— E agora?

— Infelizmente, existem as mesmas. Quando os mortos abundam, são postos no chão.

— E as obras do novo edificio?

— Caminham lentamente. Só tenho oito pedreiros. O primeiro orçamento das obras fixava o seu custo em 94 contos, em 1914. Em 1917, fazia-se novo orçamento que era fixado em 300 contos.

— E agora?

— Agora quero ver se me dão uma verba maior. O preço dos materiais aumentou consideravelmente.

Por ultimo, o sr. dr. Azevedo Neves informou-nos dos trabalhos que tinha entre mãos: Estudos sobre a mascara dos enforcados; sobre a percentagem de sifilis nos fetos, etc., etc.

VAI HAVER touros de morte?

UMA REPRESENTAÇÃO DO SINDICATO AGRICOLA DE SANTAREM

A lavoura deseja vender touros de morte e não alugar touros — Uma rapida exposição ao ministro do Interior

A direcção do Sindicato Agricola de Santarem enviou ao sr. ministro do Interior uma representação, secundando o pedido feito pela União dos Creadores de Touros de Lide,—que nos parece um documento interessante—que vem constituir mais uma resposta ao inquérito do *Diário de Lisboa*:

«A direcção do Sindicato Agricola de Santarem, tendo conhecimento de que a União dos Creadores de touros de lide, com séde na Golegã, pediu ao sr. presidente do conselho de ministros que fôsse permitida a morte dos touros em espectáculos publicos, vem perante V. Ex.ª pedir todo o seu empenho para que a pretensão daquela colectividade seja deferida.

Não vimos estadear filosofias sobre direitos e deveres, quer nossos quer dos irracionaes, porque, práticamente, a estes só se lhes reconhece o direito á nossa benevolencia, o dever do sacrificio ás nossas conveniencias, aos nossos caprichos, aos nosos passatempos, como na caça, em corridas de touros e de cavalos, combates de galos e tiro aos pombos, sem protestos ou com protestos platónicos das Sociedades Protectoras dos Animaes.

E, na nossa terra, sr. ministro, onde abundam as mentiras convencionaes, a protecção dada aos touros é uma das maiores, porque nem sequer é licito duvidar de que sofre muito mais o touro corrido repetidas vezes do que aquele que é morto logo á primeira; na verdade, sr. ministro, é que tirando á tourada espanhola a visão horripilante dos cavalos pizando os próprios intestinos, o que fica é um modelo de arte, de arrôjo, de valentia altamente sugestiva e cujos efeitos na educação da juventude são bem diferentes dos que sobre ela, provavelmente produz a escola do crime, do roubo ao assassinio, do adultério ao deboche, que é muitas vezes a fita animatográfica.

.....

Sr. ministro: A lavoura, a primeira industria do nosso paiz, defendendo-se, deseja vender touros de morte e não alugar touros; vae nisso o seu interesse. Se as razões que rápidamente expuzémos não fôrem de bastante pezo para que em todo o paiz se consinta a morte dos touros, não querendo exibir-se esse espectáculo na capital, pedimos para Santarem, a Sevilha portugueza, como temos ouvido chamar-lhe, o exclusivo dessa selvageria, porque tendo ahi uma praça de touros ameaçando ruina, mas constituindo uma boa parte da receita da Misericórdia e de um hospital que é um laboratório de culturas microbianas—ainda assim com um «deficit» anual de 60.000$00, que os governos em larga parte saldam, nós fiamos das receitas das corridas de morte e ainda da caridade que sempre se tem manifestado, a fundação dum hospital modelar e bem dotado; e não hesitamos em alvitrar que dessas receitas se dêem 10 por cento para outro hospital a cargo da Sociedade Protectora dos Animaes.

Seremós selvagens, não importa, porque combatendo uma mentira teremos conseguido até diminuir os sofrimentos dos touros, só os sacrificando em nome da caridade a exercer para com os nossos semelhantes e os deles.

Sr. ministro: O tempo de V. Ex.ª é precioso, não abusaremos, portanto, crendo poder ir em breve patentear o nosso reconhecimento pelo auxilio que não hesitamos em crêr que a tão justa causa será por V. Ex.ª dispensado.—O presidente da direcção do Sindicato Agricola de Santarem, *José da Mota Marques de Carvalho*».

A CIDADE

RELAÇÕES luso-brasileiras

A FORMAÇÃO DE UM GRANDE QUADRADO DO ATLANTICO

O ilustre escritor sr. Henrique Lopes de Mendonça fala ao "Diario de Lisboa" sobre o momentoso problema

Já ha anos, respondendo a um inquerito da *Atlantida*, expuz as idéas que me sugeriu o problema luso-brasileiro. Impunha-se, quanto a mim, a aproximação intima dos dois povos para a realização do seu destino historico. Começava nesse tempo a desenhar-se a aproximação das nações anglo-saxonias, a qual se está dia a dia pronunciando. E eu antevia, no paralelismo das alianças, entre Portugal e Grã-Bretanha de um lado, entre o Brasil e os Estados Unidos do outro, a formação do grande quadrangulo do Atlantico com os seus vértices na Escocia e no Canadá, em Angola e no Rio Grande do Sul. No extremo das diagonais entre os dois continentes, Lisboa e o Rio de Janeiro, Nova York e Loanda, ou porventura o Lobito. Como poldras na imensidade oceanica, os arquipelagos portugueses, Açores, Madeira, Cabo Verde.

Aproximação intima, disse eu. A maneira de a fazer, o extremo a que pode chegar, isso é objecto que demanda o estudo dos politicos, dos economistas, dos sociologistas. Se uma confederação é viavel, eu voto por ela sem rebuço. Mas o que me importa sobretudo, como homem de letras, é a satisfação do meu patriotismo idiomatico, a confraternização de todos os homens que falam a minha lingua, a lingua excelsa em que se modularam as estâncias dos «Luziadas» e em que ainda ha pouco se fundiam os sonetos admiraveis de Bilac. Essa lingua, essencia subtil que pelo mundo inteiro deixou rastos do seu perfume, diluir-se-ia distribuida por apertadas ambulas. Mais se fortalecerá, mais se acrisolará, mais vigorosa e expressiva se tornará a sua influencia, quando, numa caçoila unica, a solidariedade dos interesses politicos a mantiver ao abrigo de elementos corruptores. E a sua vida, desafogada e primacial, refletir-se-ha por seu turno na vida dos dois organismos que nela manifestem uma mentalidade. Porque, se ela galvaniza Portugal na velhice, representa para o Brasil a força coesiva de uma juvenil e exuberante nacionalidade.

Eis as resumidas considerações, que, de longe e sem elementos de consulta, se me oferecem sobre a questão vital que me foi amavelmente apresentada pelo *Diario de Lisboa*.

Henrique Lopes de Mendonça.

MA-LINGUA

Passionario

por Mario Azenha

(Solicita, aconchega-lhe mais o «couvre-pieds» ao corpo—Pg. 68)

Sacrilego é chamar-se Passionario
a um livro que é apenas a resenha
dos terrenos ideais de uma alma extranha
que se exprime num estilo um tanto vario.

Quem não tem o talento necessario
não deve ter uma ambição tamanha.
Moe a paciencia este sr. Azenha;
apetece ser Syllo deste Mario.

Transcrevo aqui a rubrica infeliz
com que o autor provavelmente quiz
pôr em relêvo uma amorosa ideia;

para o são raciocinio de quem lê,
se lhe aconchega *ao corpo* o «couvre-*pieds*»
é porque ele é alguma centopeia!

TAÇO

POLITICA, DE ELECTRICO

"POIS QUE VENHA A DISSOLUÇÃO! QUE VENHA OUTRA VEZ... QUE ESTE PARLAMENTO É NEGATIVO E O GOVERNO UMA DESGRAÇA"

Diz ao "Diario de Lisboa" o sr. Sá Pereira, ex-deputado democratico, antigo socialista republicano, falando-nos tambem do governo, do partido democratico e das eleições

O sr. Sá Pereira foi, na Camara dos Deputados dissolvida, um elemento irrequieto e quase sempre irritante da politica democratica da esquerda. Mas era dentro dessa Camara um tipo caracteristico de jacobino, que, no meio das suas apóstrofes violentas e das suas interrupções, lograva estas duas consequencias, que marcam sempre um homem: desencadear ódios, conquistar simpatias. Nada de estudar as questões. Nada de discutir as leis. Não era dessa qualidade o antigo socialista, depois democratico sr. Sá Pereira, e que nas Constituintes foi companheiro de um outro republicano-socialista sr. Ladeira.

(Como isto já pertence á história!...) Não era dêsses. Era apenas do tipo dos deputados-sentinela. Alerta pelas tradições do velho partido, pela democracia, pela convicção republicana, contra os dezembristas, os sidonistas, os monarquicos, os suspeitos...

Pois o sr. Sá Pereira foi derrotado nas passadas eleições, e — encontrámo-lo esta manhã. Concretizou, em pleno carro electrico:

— Uma bandalheira! Tudo isto, uma bandalheira!...

Devemos dizer que, há tempos, antes das eleições, o sr. Sá Pereira, falando comnosco, punha com certa calma a questão politica do tempo, fazendo justiça a êste e áquele, e, resumindo, como um convencional, da sua propria pessoa politica:

— Eu... Mas eu não sou intolerante! Nunca o fui. O que eu sou é intransigente. (O sr. Sá Pereira estivera fazendo justiça aos srs. Brito Camacho, Cunha Leal, Ferreira da Rocha e outros homens que — êle dizia — «não são da minha côr»).

Pois, há bocado, encontrámos o sr. Sá Pereira.

— Que lhe parece o Parlamento?

— Uma desgraça! Aquilo é lá Parlamento, é lá nada!

— Mas vamos no começo...

— Já tem as inquirições tiradas. Se eu lá estivesse, já tinha falado alto e as coisas tinham mudado...

— E o governo? Qual a sua opinião?

— Um péssimo governo. O paiz não o quere. Deu provas disso, o paiz. Com pressões, porcarias, miserias eleitorais; nem trouxe maioria. Não tem capacidade para governar, nem sabe administrar. Pois faz êle alguma coisa?

— Mas apenas há dias...

— Qual apenas?! A Camara tem deixado o governo fazer tudo. E' uma Camara passiva. Os meus correligionarios têm-se portado indecentemente. Apoiar o governo!... Que covardia! Fora, fora o governo, que não tem a confiança do paiz, nem do povo republicano!

— Mas as votações de há dias provaram que o governo tem a confiança parlamentar.

— Pois contra isso me insurjo. O meu partido amparar o governo!! Sairem da sala democraticos para na votação da moção dos miliciano haver 28 votos só contra 56 da maioria! Mas que transigencia, esta vergonha! O partido democratico, nas comissões politicas, não concorda com isso. Afirmo, porque o sei. Há protestos do paiz, de Coimbra, por exemplo.

— Mas o paiz vê com satisfação o procedimento cordato dos democraticos parlamentares.

— Oh! senhor! E' por isto que eu sou mau! Nada de situações falsas. E' tudo um paliativo para comprometer mais o Barros Queiroz, deixá-lo entalar. Isto não é leal. Zás! Se somos contra a governo, somos já, em franca oposição, sem tumultos, mas já, sem habilidades nem hipocrisias politicas que não são da tradição do partido. Nem sequer há lealdade no falso apoio ou tolerancia dos democraticos. Digo-lhe eu.

— Então que pensa?

— Penso que deviam já estar os meus correligionarios na trincheira parlamentar...

— Mas depois, como se havia de substituir o governo?

— Pelos democraticos, que são os unicos capazes de governar, os unicos que o paiz aceita...

— Mas não tem maioria.

— Pois que venha a dissolução! Não foi ela dada há semanas? Que venha outra vez, que êste Parlamento é uma negação. O governo, se tivesse valor, já o tinha aproveitado para fazer votar leis. Mas êste governo está morto. E' um êrro, um crime, estar a ampará-lo com «trucs» parlamentares.

— Discorda então dos seus correligionarios?

Atenuou o seu entusiasmo o ex-deputado e declarou, ante a atenção dos passageiros, do condutor, e até de quem estava nos passeios, nas paragens do electrico:

— De tudo, não discordo. Acho explendida a sua declaração de que não se devem fazer revoluções, nem proteger movimentos revolucionarios, sejam de quem forem. Essa é a boa doutrina. Mas para isso é preciso franqueza, lealdade, isenção. Olhe:

E enrolou o seu cigarro francês, na dificuldade natural que os bordos do carro, na curva de S. Pedro de Alcantara, põe em circunstancia.

— Olhe... Eu achava preferivel que os democraticos tivessem ministros no governo, num ministerio liberal-democratico, a esta ficção de apoiarem o Barros Queiroz por traz da cortina, compartilhando das responsabilidades desta desgraça governativa, sem saberem o que se passa, sem fiscalização, sujeitos a uma surpreza de administração, que venha sem a sua colaboração mas com a sua... cumplicidade.

— Sabe que o governo tem projectos de administração.

— Quais projectos?! São frescos! Que desgraça. O dos funcionarios é bom p'ra amendoas. Oh! homem! Este governo está pôdre. E' incapaz, mesmo com uma Camara passiva, de fazer aprovar qualquer coisa...

— E a derrota do sr. Sá Pereira?

— Que miseria!! Eu sabia que era vencido e já o estava. Mas mesmo assim roubaram-me 400 votos. 400!! E o que foi por êsse paiz. Em Aveiro foi peor que tudo quanto se cometeu até aqui em materia eleitoral. Uma bandalheira.

O carro, nesta altura, atingiu o terminus.

— Meu amigo, então na oposição?

— Como um homem. E capaz de tudo para impôr a justiça e a vontade da Nação a estes governantes.....

Tivemos que nos apear...

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

Cascais, 9 de agosto.—*Meu caro Carlos*—Escrevo-te hoje da antiga praia da côrte, onde a época balnear não se pode dizer que decorra muito animada, apesar de estar muita gente. Na «Parada», que já abriu oficialmente, apenas se reunem meia duzia de pessoas, onde de tarde jogam o «tennis» e á noite algumas partidas de «bluff» e de «auction-bridge».

O Casino da Praia, onde funciona um magnifico cinema, cujas sessões se realizam ás terças, quintas e domingos, são o unico ponto de reunião da nossa sociedade elegante aqui veraneando, que tem estado animado.

Ontem, na «soirée» de arte, vimos entre outras senhoras:

D. Maria de Saldanha de Oliveira e Daun Bandeira, D. Cristina Cordeiro Roquete, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre (Souto d'El-Rey), D. Maria Saldanha Bandeira de Carvalho (Chanceleiros), D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Mariana de Castelo Branco, D. Virginia Neves Gorjão, D. Marieta Freitas Soares e filhas, D. Alzira de Carvalho e Melo e filha, D. Celeste do Amaral, etc., etc.

A's quartas e sabados, a nossa melhor sociedade reune-se no Grande Casino Internacional do Monte'Estoril, admirando os esplendidos concertos pelo eximio sexteto sob a direcção do notavel violinista René Bohet, e os mais interessantes numeros de variedades, seguindo-se depois dança até de madrugada.

As praias da «côte-bleu» estão completamente abandonadas, apenas alguns grupos de creanças com as suas «mesdemoiselles» aí se vêm, tanto de manhã como de tarde e... mais nada.—*Carlos*.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Cascais, D. Maria da Assunção Calheiros Kruz, D. Maria Alexandrina Pacheco de Abreu da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria Fernanda Baptista de Melo Beirão, D. Constança Maria de Queiroz Monteneg to Pinto Moreira, D. Joana Bragança (Lafões), D. Alice Barcelos, D. Beatriz Maria dos Anjos Tenreiro Ilharco da Silveira Viana, D. Adelaide Valado Armand, D. Izabel Assis; D. Maria Margarida de Mendoça (Azambuja), D. Natalia Maria Serrenho e D. Maria Tereza Burnay de Melo Breyner Pinto da Cunha.

E os srs.:

Pedro José da Silva, Frederico Ferrari de Vasconcelos Abreu e Alvaro de Faria.

Casamentos

No dia 20 do corrente realisa-se, na igreja de Santa Izabel, o casamento da sr.ª D. Maria Amelia Lima O'Connor Shirley, interessante filha da sr.ª D. Elvira de Lima O'Connor Shirley e do sr. Eduardo O'Connor Shirley, já falecido, com o sr. José Celestino Soares Macedo e Couto, segundo tenente da armada, filho da sr.ª D. Eugenia Celestino Soares Macedo e Couto e do sr. almirante Emilio Macedo e Couto.

Em viagem

Vindo de Madrid, encontra-se de novo em Lisboa o sr. dr. Antonio Teles de Vasconcellos, nosso antigo colega na imprensa, director de «O Liberal».

—No rapido do Porto partiu ontem para o Bussaco, com sua esposa sr.ª D. Sara da Mota Vieira Marques, o sr. Antonio Ferreira Marques.

—Com sua gentil filha sr.ª D. Maria Amelia, partiu hoje, no rapido, para a Figueira da Foz a sr.ª D. Amelia de Menezes Fernandes Costa, esposa do sr. Fernandes Costa, ministro do comercio.

—Como noticiámos, partiram ontem para a Figueira da Foz os srs. viscondes de Alvelos.

—Partiu para as Caldas da Rainha, com sua familia, o sr. general Madureira Beça.

—Para a Figueira da Foz partiu o sr. Luiz dos Santos Fernandes Coelho.

—Acompanhada de seu filho o sr. conde de S. Tiago, partiu hoje para o Gradil, a sr.ª marquesa de Pombal.

—Na praia da Granja, encontra-se já a sr.ª D. Maria de Antas de Oliveira Reis, esposa do sr. Gabriel Ramires dos Reis.

—Partiu para a Figueira da Foz, no rapido de hoje com sua esposa a sr.ª D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, e sua gentil filhinha, o sr. João de Freitas Branco Sassetti.

—Para a sua casa em Vila do Conde partiu com sua esposa a sr.ª D. Margarida Braamcamp de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride), sua gentil filha e filhos, o sr. José Martins Cardoso de Meneses (Margaride).

—Partiu para as suas propriedades em Setubal, com sua esposa a sr.ª D. Julia de Serpa O'Neill, o sr. Hugo O'Neill.

—Partiram para o Luso as sr.as D. Teresa e D. Maria Luisa Leitão de Barros.

—Encontram-se já em Vila do Conde, os srs. condes de Castro e Sola, com sua gentil filha D. Maria Clara e seu filho Luis.

—Para a Figueira da Foz, partiram ontem no rapido, o sr. Hugo Navarro de Andrade Belmarço, sua esposa a sr.ª D. Maria José de Barros Belmarço e seus gentis filhinhos.

—Com sua esposa e filho está na praia da Granja, o sr. conselheiro D. Tomás Manuel de Vilhena.

—A'manhã, parte para a sua casa da Figueira da Foz, no rapido do Porto, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e de seus gentis filhinhos, o sr. dr. Antonio de Azevedo.

—Regressou de Madrid, o sr. conde de Calhariz.

—Para Espinho partiu com sua esposa a sr.ª D. Isabel de Sousa Holstein Brandão de Melo, sua gentil filha e filho, o sr. José Brandão de Melo.

—Regressou a Lisboa, da sua viagem ao estrangeiro, o sr. Ernesto Ryder.

—Regressou do Monte Estoril, o sr. João Maria Ferreira.

PROVINCIAS

Em Coimbra

Conselho de Arte e Arqueologia

Coimbra, 10.

A eleição do presidente e vice-presidente do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, recaiu, respectivamente, nos srs. drs. Abel Dias Urbano e Tomaz da Fonseca.

Junta de freguesia de Almedina

A junta de freguesia de Almedina vai demitir-se em virtude da camara não ter atendido todas as pretensões que lhe tem solicitado, todas elas em beneficio do publico e do monumento nacional—a Sé Velha—pela conservação do qual a referida junta tanto se tem interessado.

O perigo das armas de fogo

Nada menos de dois desastres com armas de fogo, cujas vitimas vieram para o hospital de Coimbra: Antonio Rodrigues, de Mangualde, com a mão direita esfacelada, e João dos Santos, de Canas de Senhorim, com um grande ferimento, porque devido á explosão da arma a coronha fez-se em estilhaços, um dos quais se lhe espetou no braço esquerdo.

Posse

Tomou posse do lugar de 2.º assistente da Faculdade de Sciencias, o sr. dr. Antonio Gomes de Almeida.

Uma mensagem

A Faculdade de Direito de Coimbra dirigiu uma mensagem de agradecimento á sua congenére do Rio de Janeiro, manifestando-lhe o seu agradecimento pela honrosa distinção que fez ao sr. Alvaro Machado Vilela, nomeando-o seu professor honorario.

Mais um desastre

O carreiro Antonio Simões, de Ingote, foi colhido pela roda dum carro, supondo-se que tenha fracturado a columna vertebral. O Simões deu entrada no hospital da Universidade.

Imposto "ad-valorem"

A camara atendeu ao pedido da Associação Comercial para prorrogar até 30 do corrente o praso para as reclamações sobre a distribuição do imposto «ad-valorem».

Por suspeita

Por suspeita foi preso nesta cidade um individuo que diz chamar-se Bruno Weidaner Berne, e ser argentino. Vai ser entregue á policia de segurança do Estado, desta cidade.

Energia electrica

E' esperada por estes dias no Porto, a grande turbina adquirida em Hamburgo e destinada ás novas instalações electricas de Coimbra.

PIQUET E NOCTURNO DE ELECTRICISTAS

CHAMADAS URGENTES

Succursal de «O SECULO» (Rocio)

Telefone n, 2429 C. Pessoal da CASA RUBI

Em Valença

Funcionalismo

Valença, 10

Aos funcionarios municipais foi concedida a subvenção ultimamente decretada.

A agricultura

O estado agricola deste concelho, devido ao calor excessivo que tem feito e ainda a outras circunstancias, pode dizer-se que é mau, pois que, á excepção da produção vinicola—que é bastante prometedora—, todas as demais são escassas, sendo quasi nula a do feijão.

O custo da vida

A' descida da divisa cambial tem correspondido neste concelho—como de resto em quasi todo o país—nova subida de preços dos principais generos alimenticios e cuja baixa se vinha ultimamente acentuando.

Suicidio ou crime?

Apareceu morto, na freguezia de Arão, Manuel Lopes «O Treine», verificando-se pela investigação policial e exame directo, não ter havido crime.

Nossa Senhora do Faro

No proximo dia 15, realiza-se no fronteiro e pitoresco monte do Faro, a festividade de Nossa Senhora, da mesma denominação e que é a padroeira dos valencianos.

Na vespera, além do arraial no local referido, haverá tambem quermesse no jardim publico desta vila e concerto pela banda militar, aqui de guarnição.

O tempo

Após alguns dias de excessivo calor (entre 33.º e 35.º), voltou o tempo a refrescar, tendo o termometro descido ontem e hoje, cerca de 10º.

Em Oleiros

Partido medico

Oleiros, 9

Perante a camara municipal deste concelho está aberto concurso para provimento do partido medico, com o ordenado de 1.000$00 e pulso sujeito a tabela. O facultativo nomeado acumulará as suas funções com as de sub-delegado de saude, e deve portanto fazer interesses superiores a 3.000$00.

Inspecções

Realisam-se nos dias 16, 17, 18 e 19 do corrente as inspecções sanitarias aos mancebos deste concelho.

As festas a Santa Margarida

Celebrou-se nos dias 7 e 8 do corrente a festividade em honra de Santa Margarida. A concorrencia foi extraordinaria, notando-se a melhor ordem não só nos actos religiosos como no arraial em que foi queimado um magnifico fogo de artificio fornecido pelo acreditado pirotecnico da Certã, Nunes e Silva. A comissão dos festejos no proximo ano é composta das srs. dr. José Dias Garcia, conego Augusto Romão e José Pereira Rei.

O tempo

Continúa a estiagem que muito tem danificado a lavoura e nos dá a triste perspectiva de um ano terrivel de fome.

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS

Grande baixa de preços!!!

Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
„ sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
„ musseline a 6490 e 7490 réis!
„ seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
„ seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!

10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!

Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!

GRANDE SALDO!

Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!

Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!

CAMISARIA MODELO

RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA

PREÇOS DE OCASIAO!

ALVARO CAMPOS, LIMITADA

FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES

Instrumentos cirurgicos. Aparelhos de medicina. Mobiliario cirurgico. Electricidade medica. Instrumentos para consultorios de dentistas. Instalações completas de salas de operações, dispensarios, postos de socorros, etc.

ANALISES

PROF. E. FRANCO da Faculdade de Medicina—PROF. CH. LEPIERRE do Instituto Superior Tecnico

Microscopios e microtomos Koristka. Productos quimicos. Vacinas e séros Mulford. Produtos opoterapicos do prof. Pittaluga. Produtos farmaceuticos «Meurice»

LISBOA
103, Largo das Duas Igrejas
TEL. C. 1017

PORTO
90, Rua Sá da Bandeira
TEL. 1775

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA
Rua do Ouro, 18, 24

PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.º

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

Em armazem para entrega imediata

VENTOINHAS A. E. G.

DINAMOS E MOTORES

LAMPADAS "EGMAR" E "OSRAM"

AS MELHORES

12, RUA DOS FANQUEIROS, 14 e 16

DAMIÃO & C.TA *57, Rua Garrett, 59*

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

A FRANÇA E O VATICANO

ROMA É UM ADMIRAVEL OBSERVATORIO DO MUNDO --- DIZ M. JONNART

A chegada de mgr. Ceretti a Paris

O novo nuncio de Sua Santidade recebe os jornalistas

Chegou a Paris o novo nuncio de Sua Santidade, mgr. Ceretti, tendo sido recebido o mais afectuosamente possivel.

Mgr. Ceretti, que esteve nas republicas americanas durante muito tempo, apresentou-se sem a rigidez hieratica da diplomacia de quem está habituado a estender a mão aos mais poderosos para que lha beiem.

A sua chegada a França, apertando democraticamente todas as mãos que se lhe estendiam, falando a todos franca e directamente, conquistou-lhe imediatamente a simpatia de todos, habituados ás formas simples e cortezes duma republica democratica.

O embaixador de França em Roma, sr. Jonnart, que esperava o novo nuncio apostolico, ia conversando com os jornalistas, é claro, que não deixariam escapar uma entrevista tão a proposito:

—«Quanto mais estou em Roma, tanto mais se fortifica a minha opinião de que Roma é um incomparavel observatorio do mundo, e que seria da maior inconveniencia para a França perder ali o seu lugar.

O poder espiritual do pontifice é um poder real, activo, que se não pode ignorar, e que tem os mais variados e importantes pontos de contacto com os interesses franceses, morais e materiais.

As nossas relações com a Santa Sé são tão boas como se nunca tivessem sido interrompidas.»

Entretanto chegou mgr. Ceretti. Esperava-o um representante do sr. Briand e o cardeal Dubois, que veiu, apesar do protocolo, esperar .o enviado de sua santidade.

O sr. Jonnart e mgr. Ceretti apertam-se efusivamente as mãos e o nuncio dirigiu-se para a sua residencia, de automovel, onde imediatamente acedeu a receber os jornalistas, que lhe fizeram as mais variadas preguntas, até ácêrca da politica pontifical no Oriente.

As declarações de mgr. Ceretti resumem-se:

«Emquanto não apresentar as minhas credenciais não posso falar livremente. Depois estou á vossa disposição para responder com mais precisão.

Tenho a maior consideração pela imprensa, que representa a opinião francesa, com a qual espero que a Santa Sé estará nas melhores relações.

Tenho a maior alegria em representar Roma em França. Procurarei conciliar os interesses das duas entidades, que creio solidarias. As minhas relações com o governo francês serão o que devem ser depois do seu nobre gesto. Cumprirei assim as ordens formais do soberano pontifice, que guarda á França o lugar de filha mais velha da Igreja.

Espero que a minha longa permanencia nas republicas americanas será dum grande auxilio para a minha acção aqui e para fazer compreender em Roma a grande democracia francesa.»

DA AMERICA

O contrabando de joias

Os joalheiros americanos têm grandes prejuizos

NEW YORK, 11

Os joalheiros americanos têm sofrido de tal fórma com o contrabando de joias, que deliberaram fazer uma campanha, de maneira a acabar de qualquer fórma com esse contrabando.—(U. P.)

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

Segundo o general Navarro, a situação parece melhorar, tendo diminuido a pressão inimiga

O abastecimento da posição em Mont Arruit — O que viram os aviadores — Ataque a sete comboios — Um aeroplano que se volta — E' ocupada uma nova posição

MADRID, 11.—Os aviadores espanhois efectuaram cinco viagens consecutivas a Mont Arruit para abastecer esta posição. O general Navarro comunica que a situnção melhora diminuindo a pressão inimiga. Os aviadores confirmam que a posição está rodeada por contingentes mouros menos numerosos. Um incendio que houve proximo de Mont Arruit impediu que durante a maior parte do dia pudesse funcionar o heliografo. O general Navarro comunicou ao Alto Comissario que desejava que ele fizesse saber ao rei a profunda gratidão dos soldados do seu comando pelas frases animadoras que lhes dirigiu num momento tão angustioso, de tanto perigo e de tão severas atribulações.

Hoje sairam de Melilla sete comboios que foram hostilizados rompendo fogo numa linha que se estendeu até ao Zoco El-Hasch.

O aeroplano pilotado pelo capitão Hidalgo, quando pretendia descer, esbarrou contra um carro que estava á porta do aerodromo, tendo daí resultado ficarem dois homens feridos. O aparelho voltou-se, mas os aviadores ficaram ilesos.

Uma coluna composta por uma companhia de infantaria, uma secção de cavalaria e uma bataria de artilharia ocupou uma nova posição distante mil e quinhentos metros do Zoco El-Hasch, não tendo sofrido baixas. Alem dos batalhões enviados, de Ceuta, irão tambem reforçar estas posições tropas enviadas de Melilla.

Um chefe mouro vai entrar em guerra com Abd-el-Krin?

As kabilas amigas da Espanha censuram o procedimento dos irregulares sublevados

MELILLA, 11—Todas as kabilas amigas da Espanha censuram o procedimento dos irregulares sublevados. Estes dizem que o seu procedimento foi devido a que os mouros os ameaçaram e lhes garantiram que a sublevação era geral. Os mouros sublevados possuem três canhões tomados em Dar-Dris e apoderaram-se dum canhão situado num cerro por detraz do Gurugu, proximo da kabila de Karmud. As kabilas, por emquanto, têm os viveres assegurados. Quando estes se acabarem, naturalmente farão razias nas kabilas amigas da Espanha.

Um importante chefe mouro, segundo se diz, está disposto a entrar em guerra contra Adb-el-Krin.—(R.)

As tropas espanholas foram atacadas na zona de Tetuan

O general Berenguer não liga grande importancia a esse ataque

MADRID, 11—Recebem-se comunicação de que as tropas espanholas foram atacadas na zona de Tetuan, mas Berenguer não liga importancia a este ataque, fazendo resaltar a conduta heroica do soldado Manuel Martinez. O general Picazo diz que as tropas se têm portado com grande heroicidade, havendo muitos actos de heroismo individual a recompensar.—(R.)

Um hospital da C. V. em Toledo

A cidade de Saragoça e povoações vizinhas oferecem ao rei os seus serviços

MADRID, 11.—A Cruz Vermelha de Toledo montou um hospital de cincoenta camas para os feridos da guerra. De Saragoça e povoações circumvisinhas telegrafaram ao rei oferecendo os seus serviços em prol da guerra.—(R.)

A odisseia de uma coluna de infantaria

Os soldados do tenente coronel Saturio Garcia são carinhosamente recebidos em Oran

MELILLA, 11.—A coluna do tenente-coronel Saturio Garcia, que chegou a bordo do vapor «Belver», refere a odisseia sofrida desde que abandonaram o Zoco Zalaga, constantemente perseguidos pelo inimigo. Em Oran foram carinhosamente recebidos pelo consul espanhol e por mais de quinze mil espanhois, tendo tido tambem uma entusiastica despedida.—(R.)

Os prisioneiros são bem tratados

Depoimento de um mouro das minas do Riff

MELILLA, 11.—Um mouro empregado nas minas espanholas do Riff diz que ha prisioneiros espanhois em todas as kabilas, sendo bem tratados, a não ser que procurem fugir.—(R.)

Mais tropas para Melilla

Chegam a Cadiz os naufragos do "Vila Verde"

CADIZ, 11.—Levantou ferro para Larache o vapor «Delfim», conduzindo tropas para Melilla.

No transatlantico «Catalunha» chegaram os naufragos do «Vila Verde».—(R.)

UMA GRANDE DESCOBERTA

A FOTOGRAFIA COMUNICADA INSTANTANEAMENTE DE UM CONTINENTE A OUTRO

Por meio da telegrafia sem fios

E' ao dr. Belin que se deve esta extrordinaria descoberta

O «match» Carpentier-Dempsey teve uma consequencia extraordinaria que faz dizer á França orgulhosa: esta vitoria consola-nos plenamente da derrota de Carpentier.

E têm razão os franceses.

A febre jornalistica de informar os leitores foi a origem desta descoberta extraordinaria: a transmissão instantanea da fotografia pela telegrafia sem fios.

Hoje, qualquer documento diplomatico ou comercial pode ser assinado na America e lido na Europa á medida que vai sendo escrito tal como se se estivesse debruçado sobre o ombro de quem escreve.

Até agora estas transmissões realizavam-se por meio da telefonia, levando alguns minutos e ficando muito menos perfeitas; agora realizam-se instantaneamente, de uma forma muito mais nitida, pois as correntes de parasitas que tornam ilegiveis os sinais Morse, apenas cobrem os da telegrafia sem fios de um ligeiro pontilhado.

Foi o *Matin* que desejando dar aos franceses o praser de receberem instantaneamente as posições do «match» Carpentier-Dempsey tentou alargar a experiencia que já tinha dado bons resultados entre Bordeaux e Paris na qual tinham sido transmitidas com a maior felicidade fotografias, figuras geometricas e textos manuscritos.

O dr. Belin, a quem se deve a descoberta, era de opinião de que não existia uma razão teorica para que uma experiencia que dava resultado com 600 quilometros não os desse com 5:000.

Mas porque os empreendedores chegaram a Nova York 24 horas antes do «match» e porque, além das dificuldades oficiais a vencer em tão pouco tempo, os americanos achavam a tentativa uma perfeita loucura, as instalações não puderam realizar-se com perfeição e as fotografias de Carpentier foram apenas uma vaga sombra.

Para vencer o scepticismo americano foi convidada a comissão inter-aliada da T. S. F. a assistir a uma repetição das experiencias entre Bordeux e Paris.

Os delegados americanos deram imediatamente ordem pelo cabo para que aos franceses fossem dadas todas as facilidades para continuar os ensaios interrompidos.

E dentro de poucas horas, as necessarias para regular bem as instalações, os franceses recebiam o documento, á medida que ia sendo escrito.

Um congresso de esperanto

PRAGA, 11

Vae reunir o congresso de esperanto nesta cidade, devendo estar representadas quarenta nações.—(U. P.)

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

O DIA PARLAMENTAR

O deputado Serafim de Barros defende exaltadamente a questão do Douro

DISCUTE-SE O MODO DE VOTAR O PROJECTO QUE O GOVERNO APRESENTOU Á CAMARA PARA RESOLVER A CRISE VINICOLA

A questão nacional e a questão politica — O caso Agatão Lança — A serventia do Parlamento — As obras publicas e a exploração dos caminhos de ferro vão ser entregues aos sindicatos profissionais? — Palavras acres do sr. Aboim Inglês

Vamos a vêr se o caso do Douro leva mais algum enxêrto, o que, afinal, não será de estranhar, visto tratar-se duma questão de vinhos e, por conseguinte, de vinhas, que sem enxerto não prestam.

Mas, ou muito nos enganamos, ou as propostas do sr. ministro da Agricultura não serão ainda hoje o objecto principal dos trabalhos da Camara. Há uns zuns-zuns de que um dos grupos parlamentares está nas disposições de interromper a discussão todas as vezes que possa. Isto é: os mesmos costumes, os mesmos hábitos, as mesmas figuras.

* * *

A propósito do que há dois dias se vem passando, dizia um deputado pelo Norte, antes de começar os trabalhos (?) desta tarde:

—Se querem que esta gente vibre ponham-lhe a questão politica, porque com a questão nacional, mesmo que seja posta nos seus aspectos mais graves, ninguem se interessa. E, assim, estamos arranjados! Pobre Republica e pobre Paiz!

* * *

Contrastando a maneira irritante como ontem decorreu o debate sobre o caso Agatão Lança, expressava-se há pouco, nestes termos, um deputado da oposição:

—Aquilo foi um sarilho naval, que não aproveitou a ninguem; nem a nós, nem ao governo.

* * *

A' hora regimental poucos deputados se encontram na sala, mas já se admite a possibilidade de que outro negócio urgente venha de novo protelar a discussão das propostas que interessam a região duriense. Há, todavia, quem afirme que, a dar-se tal caso, um grupo da extrema direita intervirá no assunto com bastante energia.

* * *

Mesmo que as propostas do sr. ministro da Agricultura não sejam preteridas com qualquer outro debate, não ficarão, naturalmente, ainda hoje completamente votados esses importantes documentos.

* * *

Na altura de escrevermos quási todos os legisladores presentes se entretêm a escrever cartas.

Alguem, reparando nisso, diz:

—Aqui é a Repartição Central de Cartografia. Não há nenhuma com funcionalismo mais assiduo.

* * *

Afirma-se, não sabemos com que fundamento, que um parlamentar do P. R. P. e ex-ministro, o sr. João Luiz Ricardo, apresentará, se para isso se lhe oferecer ensejo, um documento pelo qual as obras publicas e a exploração dos Caminhos de Ferro do Estado seriam entregues aos respectivos sindicatos profissionaes

* * *

Vae ser anulada hoje a eleição dos deputados por Aveiro, que terá de ser repetida.

* * *

A questão dos oficiaes milicianos, segundo nos consta seguramente, vae ser resolvida amanhã, da seguinte maneira:

Quanto á disciplina, serão amnistiados os oficiaes castigados; quanto á parte pedagógica, a questão será resolvida por um projecto de lei, pelo qual são restabelecidos os cursos reduzidos sem exame.

* * *

Antes de se reabrir a sessão, o sr. Aboim Inglez discute num grupo formado nas direitas. Fala alto e em certa altura ouvimos-lhe:

—Assim não póde ser. Imaginam que os outros estão a dormir. Tudo se gverna, e para a Regoa, nada. O crédito agricola destina-se a dar facilidades á lavoura.

* * *

A's 15,10 o sr. Jorge Nunes declara reaberta a sessão, reatando-se o debate sobre a proposta referente ás caixas de crédito agricola.

* * *

Está a discutir-se a questão do Douro. A discutir-se em familia. O sr. Pedro Pita e o sr. Ferreira da Rocha põem as suas objecções e pontos de vista, quasi em conversa com o ministro, sr. Sousa da Camara, que, depois de falar desce ás bancadas dos deputados e dá explicações pessoais em voz baixa, emquanto fala o sr. Manuel Brazão. A sala está serenissima, como se dizia da figura de D. João VI. (Placida e muito cheia de comodidade dos «fauteuils» estofados.

* * *

Subiam no elevador dois deputados. «E' tarde», diz um dêles. «Nunca é tarde, senhor deputado», elucida o continuo do elevador. Desde que houve numero, já não é tarde». Nisto, o outro: «então vamos embora...». E foram. Preguntámos depois: «quem são?». Responde o continuo: não sei. Alunos...».

* * *

Está a presidir ás 6 horas o sr. Alves dos Santos. Tem de se votar um artigo do projecto do Douro. Foi uma confusão. Não se soube se foi rejeitado, se aprovado. Como vai tudo em familia, das bancadas ensinam ao presidente, que é lente de filosofia, como filosoficamente se votam os projectos. E a sessão segue, normalmente.

* * *

O sr. Serafim de Barros, exaltadissimo, defende o Douro, da «insinuação» — diz — que se fez de que o Douro não era capaz de pagar o dinheiro que se lhe havia de emprestar.

* * *

— Como é que o Douro é recebido nesta casa do Parlamento? — brada o sr. Serafim de Barros — como? De que maneira? Com escarneo! Com desprêso!! (não apoiados, vibrantissimos. Não apoiados. De maneira nenhuma, não! não!). O orador está a falar com todo o aspecto de não ter serenidade nenhuma, embora possa ter muita razão. (Estas palavras caem bem).

* * *

O sr. presidente Alves dos Santos chama delicadamente á realidade o sr. Serafim de Barros. «V. ex.ª só tem a palavra sobre o modo de votar». O sr. Serafim de Barros diz que sim, mas continua a falar muito zangado, emquanto parte da Camara conversa e a campainha da mesa faz «tlim! tlim!! tlim!!»

— Meus senhores! Eu declaro, sob a minha honra, que se fôr votada a emenda do sr. Ferreira da Rocha sobre a questão do Douro, e que estende o crédito até á Madeira, eu vou-me embora desta Camara em nome da região duriense e para nunca mais voltar. (Sensação. O orador, que é, claro, o sr. Serafim de Barros, está muito exaltado).

* * *

— Tem a palavra o sr. Lopes Cardoso sobre o modo de votar.

— Desisto...

— Tem a palavra o sr. ministro da Agricultura sobre o modo de votar.

— Eu é só para dizer que aqui ninguem quere mal ao Douro, pelo contrário. O sr. Serafim de Barros o que está é muito exaltado. Ninguem quere prejudicar o Douro.

(Entretanto, varios deputados dão explicações e recebem-nas do sr. Serafim de Barros, que está mais sossegado).

— Eu — brada agora o sr. Ferreira da Rocha — sou sim deputado por circulos do Douro. Mas sou, sobretudo, deputado da Nação. Tenho de ver a questão pelo alto. O Douro não é uma região privilegiada.

* * *

Está aprovado o artigo 7.º do decreto, com a emenda do sr. Ferreira da Rocha. O projecto tem vinte artigos e a sua discussão há de ir pela sessão fora. O sr. Serafim de Barros concertou-se ácerca da sua permanencia no Legislativo.

* * *

Apesar do entusiasmo muito sincero e legitimo dos deputados pelo Douro, a Camara está trabalhando, são 16 e 25, com certa normalidade. Conversa-se alguma coisa, mas isso exactamente é normal.

* * *

Fala o sr. João Luiz Ricardo. Estão diante do antigo ministro o srs. Ferreira da Rocha, Antonio Granjo e Aboim Inglês. A ouvi-lo? Não se sabe. Podem estar até, em espirito, muito longe do orador, neste momento. Em todo o caso, o gesto do sr. João Luiz Ricardo é muito clássico. O orador está apresentando uma alteração ao artigo 8.º.

* * *

— Quantos dias será ministro o sr. Fernandes Costa? — pregunta alguem ao deputado Julio de Abreu.

— Sei lá. Talvez o possa dizer o «O' ai ó linda!...»

* * *

Na bancada do governo estão os srs. Paes Gomes e Abel Hipolito, êste de cravo côr de rosa. Significativo. Para o governo vai tudo côr de rosa... velho.

* * *

A's 16 e 35, a nota interessante da sala dos deputados é o senador sr. Jacinto Nunes, que a atravessa com a sua cabeça branca um pouco inclinada, o seu ôlho doente, muito convencido de saude, um belo cravo vermelho na lapela e um sorriso á presidencia, que parece dizer:

— Adeus, ó Jorge!

E o sr. Jorge Nunes, da mesa:

— Peço a atenção da Camara!

* * *

A sessão acabará como principiou. Em familia, com alguns incidentes entre a Madeira e o Douro, a direita e a esquerda. No bufete, alguns deputados tomam chá e fazem «blagues». São 17 horas.

NO TERREIRO DO PAÇO

TOMOU HOJE POSSE DA PASTA DO COMERCIO O SR. DR. FERNANDES COSTA

O sr. dr. Fernandes Costa tomou posse esta tarde da pasta do Comercio, na presença do chefe do governo, quási todos os ministros, do ministro de Portugal em Roma, parlamentares, amigos politicos e particulares, funcionários do ministerio, etc. Discursou em primeiro lugar o sr. Barros Queiroz, lastimando vêr-se privado da colaboração do sr. dr. António Granjo, não porque este divergisse da orientação do governo e do Partido Liberal, mas por uma questão de coerencia pessoal. Felicita-se, porém, por ir ter por colaborador o sr. dr. Fernandes Costa, seu velho amigo e velho republicano liberal. Tem a certeza que pelos seus elevados dotes ele honrará, na pasta do Comercio, o seu partido e a Pátria.

"Discordei, apenas, da forma como se tratou da questão dos milicianos, mas conservo-me ao lado do governo", diz o sr. dr. Antonio Granjo

Fala em seguida o sr. dr. António Granjo, agradecendo as amaveis referencias do sr. presidente do ministerio e declarando que não saiu do governo por discordar da sua orientação, mas apenas para manter a sua coerencia na questão dos milicianos. De resto, conserva-se ao lado do governo, do Partido Liberal e dos ministros, fazendo inteira justiça ao carácter, lealdade e modos de vêr do sr. ministro da guerra. Sauda o seu sucessor e felicita o chefe do governo pela acertada escolha. Por ultimo, o sr. dr. Fernandes Costa agradece as saudações que lhe dirigiram; confessa não estar nas condições de assumir neste momento tão espinhoso cargo; mas, com a sua maior boa vontade, com os recursos de que puder dispô e com a inteligente cooperação dos funcionários do ministerio, fará por honrar o governo, a Pátria e a Republica.

A SITUAÇÃO POLITICA EM ESPANHA

Demite-se Allendesallazar e é chamado ao poder Maura

MADRID, 11. — O sr. Allendesallazar apresentou o pedido de demissão do gabinete. O rei aceitou o pedido encarregando o sr. Maura de formar gabinete.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	43$00	45$00
s|Londres cheque	6 1|2	6 3|8
» 90 d. v.	6 5|8	—
Rio s|Londres	7 3|4	—
s| Paris	790	807
s| Italia	442	450
s| Belgica	766	781
s| Suissa	1700	1735
s| Espanha	1300	1330
s| Berlim	123	127
s| Holanda	3130	3195
s| Nova York	10090	10029
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	700	800

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	60,30
» s|Londres	28,34
» s|New-York	—
» s|Berlim	9,60
Paris s|Londres	46.65
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	—
» s|Roma	—
» s|New-York	83,50
» s|Berlim	—
» Amsterdam	11,78
» s|Genebra	—
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

Os altos comissarios

Vai ser modificada a lei que os regula?

Consta que o sr. ministro das Colónias tenciona apresentar umas modificações que julga dever introduzir-se á lei que regula os Altos Comissariados.

NO SENADO

Trata-se de varios assuntos

Presidencia do sr. Augusto Barreto. A sessão é declarada aberta á hora regimental, com a presença de 35 senadores.

Os srs. Mendes dos Reis e Pessanha das Neves, secretários, fazem as leituras da acta e do expediente.

Nos seus «fauteuils» os srs. ministros do Interior (Abel Hipólito) e Marinha (Paes Gomes).

Antes da ordem do dia pedem a palavra varios oradores.

O sr. André de Freitas envia para a meza um projecto de lei referente aos contractos efectuados entre o Estado e os adjudicatários de Obras Publicas.

O sr. Alfredo Portugal sauda a meza e a Camara e declara que lhe causou estranheza a dissolução da comissão encarregada de elaborar e preparar um projecto do Código Administrativo, feito por decreto de 27 de Julho ultimo, que fôra creada pelo decreto de 12 de Agosto de 1919.

Ainda o projecto de amnistia ao assassino do presidente Sidonio Pais

O projecto de lei que tende a libertar o assassino do ex-presidente da Republica dr. Sidónio Paes, não foi ontem rejeitado á discussão, como dissémos, mas sim á admissão da discussão. Quer dizer: o Senado nem do diploma em questão quiz tomar conhecimento.

Todavia, devemos aclarar que os democráticos votaram a favor, por não terem o perfeito conhecimento da fórma por que fôra apresentada a lei á votação.